

CORRENTES SEMÂNTICAS – PARTE II

META

Destacar alguns dos principais autores e conceitos de mais três correntes ligadas ao estudo do significado: i) a Semântica Estrutural; ii) a Semântica Interpretativa; e iii) a Semântica Gerativa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

reconhecer tanto o foco de atenção da Semântica Estrutural quanto da Semântica Interpretativa e Gerativa;

identificar as principais características de cada uma dessas correntes semânticas;

diferenciar o “modo” de tratamento do significado nas teorias consideradas;

PRÉ-REQUISITOS

Para compreender bem a aula de hoje, convém que você tenha lido com atenção e, lógico, resolvido as questões da nossa aula anterior, pois o conteúdo a ser tratado a seguir dá continuidade, cronológica e tematicamente falando, ao que lá foi abordado.

INTRODUÇÃO

Olá!

Em continuidade à discussão que empreendemos na aula 2, nosso olhar continua dirigido à apresentação de correntes semânticas. Como destacamos, o estatuto do significado não é nada estável e disso decorrem as diferentes formas de estudá-lo.

Depois de falarmos um pouco sobre as principais características dos estudos rotulados de ‘formais’ e, igualmente, sobre os que são caracterizados por veia histórica, voltemos nossa atenção agora para os conceitos de uma Semântica Estrutural, cujas bases deitam raízes nos estudos do mestre genebrino Saussure e, em seguida, para os princípios e contribuições de uma Semântica Interpretativa e Gerativa, que, embora sejam oriundas dos princípios de uma gramática gerativo-transformacional, questionam a validade de alguns princípios basilares da famosa teoria cunhada por Noam Chomsky. Urge, pois, que comecemos a nossa aula.

CORRENTES SEMÂNTICAS – PARTE II

Como já descrevemos o modo como o conteúdo de nossa aula será abordado, passemos agora a uma apresentação gradual dos autores, conceitos e principais contribuições de mais uma corrente semântica – a Estrutural. Quem advinha o nome de um autor importante para esta linha de pensamento?! Eis uma dica: uma franco-suíço de nome Sau... Pense por mais 5 segundos e veja se isso se confirma nas linhas que se seguem, ok?

SEMÂNTICA ESTRUTURAL

Quem aqui se lembra do que viu na disciplina de nome Linguística? Todos, não é? Como sabemos, entre os nomes mais falados naquele momento está o do franco-suíço Ferdinand de Saussure, que definiu o objeto da ciência Linguística. Confirmou sua suspeita, não é mesmo? Pois bem, para tratarmos de Semântica Estrutural, sentimos a necessidade de revisitar alguns dos pressupostos da corrente de pensamento que ficou conhecida como Estruturalismo e, para esse peculiar, claro, é mais do que fundamental começarmos a discussão relembrando a essência da obra saussuriana. A propósito, qual o nome da obra de Saussure? Vá lembrando...

Como nos lembra Orlandi (1999), “a sedução do homem pela linguagem existe desde sempre”, sendo, portanto, foco de discussão entre homens de diferentes épocas, mas é com o mestre Saussure que se dá a constituição da ciência da linguagem. Isso porque a publicação de seu *Cours de Linguistique Générale*, em 1916, instituiu a linha divisória com os estudos históricos

que eram desenvolvidos sobre a linguagem no século XIX. Refresquemos nossas mentes com alguns dos princípios subjacentes ao lançamento de tal obra, ok? Vamos lá!

Genericamente, podemos dizer que, apesar de terem existido inúmeras indagações em torno da linguagem desde a Idade Antiga, essas preocupações não precisaram o que, de fato, representava estudá-la. De qualquer forma, esses questionamentos – sobretudo aqueles registrados nos séculos XVII (estudos racionalistas) e XIX (estudos comparatistas) – ofereceram os subsídios necessários para que Saussure vislumbrasse uma ciência cujo objeto de análise consistiria na própria língua (langue, sistema abstrato, social, geral, virtual), em detrimento da fala (parole, entendida como a concretização da língua pelo usuário, sendo circunstancial e variável).

A publicação do Cours (em bom português, Curso de Linguística Geral) deu aos estudos da linguagem um caráter científico, à medida que precisou um objeto de investigação. Daí porque dizemos que Saussure é o pai da Linguística, tal como é concebida nos dias de hoje. Importa salientar, entretanto, que a obra inaugural da Linguística foi uma publicação póstuma, tendo sido organizada por dois alunos do mestre suíço: Bally e Secheaye. Aliás, eis aqui uma razão para uma possível defesa a muitas críticas dirigidas a Saussure, afinal, em sendo obra póstuma, pode ou não refletir exatamente o pensamento do professor. Simon Bouquet (2000 apud OLIVEIRA, 2008), por exemplo, entende que os compiladores da obra saussuriana distorcerem algumas ideias do mestre. Para Castelar de Carvalho (1983), em sendo uma obra

calcada em anotações colhidas em aulas por seus alunos, explicam-se as possíveis obscuridades e contradições das ideias de Saussure. Nela se reconhecem fórmulas de aspecto por vezes paradoxal, onde salta aos olhos o estilo de ensino oral. Apesar deste fato, as ideias motrizes de sua obra póstuma, por oposição ao método histórico-comparatista dominante até então, vieram revolucionar completamente o pensamento ocidental. Na verdade, Saussure foi um espírito mais projetado para o século XX do que voltado para o século XIX, como só ia acontecer com os intelectuais de seu tempo. (CARVALHO, 1983, p.26)

Polêmicas à parte, falemos sobre a concepção saussuriana de língua. No fundamental, para Saussure, a língua é definida como um “sistema de signos”, como uma reunião de unidades articuladas entre si. O signo, por sua vez, consiste na associação entre significante (imagem acústica — a que é projetada no cérebro) e o significado (conceito). A propósito, vejamos a figura 1:



Figura 1: Representação esquemática do signo

Adaptando esse esquema ao signo “casa”, teríamos a figura 2:

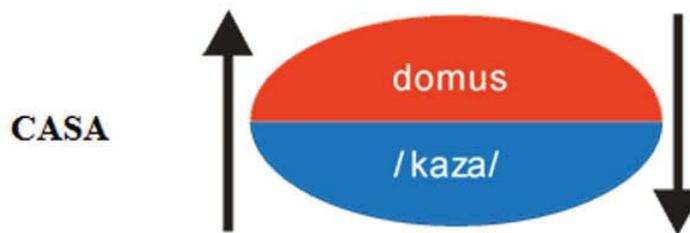


Figura 2: Adaptação do esquema sógnico

SIG-NI-FI-CA-DO é visto aqui de uma perspectiva conceitualista, mentalista, razão de ferrenhas críticas feitas a Saussure, entre as quais podemos citar as de Ogden e Richards, sobre os quais falaremos daqui a pouco. Na realidade, para Saussure, o significado corresponde a uma evocação psíquica e não a uma coisa. Seja como for,

Ao incluir o significado na formulação do signo linguístico, Saussure demonstrou ter consciência plena de que não podem existir conceitos ou representações sem a respectiva denominação correspondente e com isso lançou as bases da Semântica moderna. (CARVALHO, 1983, p.34)

Bom, a associação ‘significante x significado’, de acordo com Saussure, é arbitrária e convencional, não havendo razões precisas para que um dado elemento se chame X e não Y. A propósito dessa característica, subjaz uma

outra: o valor de um signo é relativo e negativo. Assim, X é X, porque não é Y nem Z.

Ao lado dessas questões, emergiram algumas dicotomias importantes: língua x fala (já comentada), sincronia x diacronia, relações paradigmáticas x associativas.

Grosso modo, podemos afirmar que a distinção saussuriana para os conceitos de sincronia e diacronia implica a forma por meio da qual o estudioso pode lançar mão, ao fazer uma abordagem (descrição) linguística. Os estudos rotulados de sincrônicos analisam os fatos linguísticos num dado momento de desenvolvimento histórico e aqueles que são tidos como diacrônicos descrevem os fenômenos linguísticos a partir das relações que mantêm com outros fenômenos, que os precedem ou os sucedem, na linha do tempo.

Por considerar incompatível a noção de sistema com a de evolução, Saussure excluiu a diacronia do domínio da Linguística, situando-a numa condição periférica, ao lado da fala.

Com a noção de sistema, a bem da verdade, ganhou vez a ideia de que os elementos se definem em função do valor que ocupam na cadeia de relações que forma o sistema completo da língua. Orlandi (1999), ao remeter à importância desses pormenores, diz que Saussure instituiu a Linguística como ciência com os conceitos de língua, valor e sincronia.

Quanto à oposição entre relações paradigmáticas e sintagmáticas, há pouco mencionadas, dizemos que elas representam os eixos da organização do sistema da língua. O primeiro desses eixos — o paradigmático — organiza as relações de oposição (ou X ou Y), em que os elementos se substituem (bate / late); o segundo — o sintagmático — valida o plano da combinação das unidades (b + a + t + e, por exemplo).

Para evitarmos blá-blá-blá sobre Saussure, recordemos apenas o nome da corrente linguística subjacente aos princípios da doutrina que desenvolveu: o Estruturalismo. Em linhas gerais, tal vertente, intimamente relacionada à noção de estrutura, valorizava a ideia de que os elementos linguísticos se definem em função do valor que ocupam na cadeia e das relações que formam a língua.

Ao longo dos anos, essa perspectiva ofereceu princípios teóricos a várias ciências, ao tempo que se manifestou de diferentes formas. Entre essas formas de abordagem está o Funcionalismo, cujo objetivo consistia em decifrar as funções inerentes aos elementos linguísticos, quanto aos aspectos fônicos, gramaticais ou semânticos.

No que concerne aos aspectos fônicos, entre as contribuições mais significativas reside a noção de traço distintivo, ou seja, o elemento fônico responsável pela oposição, numa mesma língua, de dois signos diversos. Para efeito de ilustração, sabemos que as formas pata e bata se distinguem em função do traço da sonoridade, em que um é surdo e o outro é sonoro, respectivamente.

Tal distinção também foi utilizada na descrição de unidades gramaticais e semânticas. Para tanto, os estruturalistas tiveram que aperfeiçoar seu método de descrição, em razão das dificuldades geradas nesses planos de investigação. Encontrar traços para diferenciar o significado (aspecto semântico) de palavras como afeto e carinho ou, ainda, de formas gramaticais como amei e amava (plano morfológico) representava uma dificuldade para eles. Assim, passaram a considerar os diversos tipos de relações na caracterização do percurso de combinação das unidades entre si.

Nesse sentido, destacaram a relevância dos dois eixos – paradigmático e sintagmático – de organização do sistema da língua apontados por Saussure. Apesar do esforço desses estudiosos, essas considerações não acrescentaram muito à descrição dos significados (perturbação que acompanhou os estruturalistas ao longo do tempo), parecendo mais convincentes aos campos da Fonologia e da Sintaxe.

Ora, à luz da ideia de que cada elemento tem seu valor definido pela oposição, fica fácil de entendermos essa dificuldade, pois dessa perspectiva “cada palavra de uma língua tem seu conteúdo semântico influenciado pelo conteúdo semântico das outras palavras dessa língua...” (OLIVEIRA, 2008, p. 60).

A fim de clarearmos esse pensamento, destacamos a seguir a fala de Araújo (2004):

A semântica do signo limita-se ao estudo dos traços que compõem o significado. Para Saussure, significante e significado são os dois lados da mesma moeda. É no ponto de interseção entre as cadeias sintagmáticas e paradigmáticas que o signo recebe significado. A língua prevê relações sintagmáticas, horizontais, entre os elementos que regem a construção de frases, e relações paradigmáticas entre elementos que podem vir a ocupar o lugar virtual de cada signo, em substituições verticais. O significado depende da posição que o signo ocupa e da função que exerce. Em “as meninas atravessaram a rua”, o significado de “as meninas” provém da posição sujeito e da função nominal, e do fato de poder ser substituídos pelos signos associados a ele, como “as gurias”, “elas”, “as garotas” (substituição vertical, ocupação virtual de posição de signos que estão na memória do falante). (ARAÚJO, 2004, p.42)

Sem muitos questionamentos, como lembramos há pouco tempo, a noção saussuriana de signo linguístico traduz uma definição conceitualista, mentalista de significado, e essa postura não ficou imune à crítica, sobretudo pelos empiristas, que acusavam o fato de o significado, sendo o plano das ideias, não ser passível de observação/verificação real. Mas, continuemos nossa reflexão...

Conforme ensaiamos há alguns parágrafos, entre os críticos do signo saussuriano estão Charles F. Ogden e Ivor A. Richards, que consideraram um erro o fato de o mestre de Genebra não ter incluído um terceiro elemento no seu esquema: o referente, a coisa à qual o significante e o significado se reportam. Dessa forma, esses estudiosos propõem uma relação triádica do signo, como podemos ver na figura 3:



Figura 3: Triângulo de Ogden e Richards
(Fonte: Carvalho (1983).

Aqui, o símbolo representa o significante do modelo saussuriano (a palavra), o pensamento ou referência seria o significado e o referente diz respeito à coisa significada, aquilo a que se refere o indivíduo. Como adaptação ao modelo saussuriano, temos a figura 4:



Figura 4: Adaptação do modelo triádico do signo em Saussure
Fonte: Carvalho (1983).

Também essa postura de Ogden e Richards foi, claro, questionada, a ponto de Eco (2001) falar numa certa ‘esclerose’ da problemática do significado, especialmente no que tange à ideia de relação entre um conceito com a coisa a qual se refere. Concordando com essa afirmação, Oliveira (2008) realça que esse alerta de Eco nos traz uma reflexão sobre a relação entre o mundo linguístico e o extralinguístico, mas que se estabelece de um modo indireto, não-empírico. Vale a pena conferirmos um excerto de sua fala:

Quando ouvimos ou lemos a frase Vou comprar uma casa, por exemplo, o significado de casa é ativado em nossa mente. Entretanto,

esse significado não está relacionado a um referente específico, a uma coisa específica, mas sim a um referente prototípico que se plasma em nossa mente ao armazenarmos o significado de casa. Esse significado suscita imagens distintas na mente de indivíduos distintos: o que eu imagino como sendo uma casa ao ouvir a palavra casa não é a mesma coisa que Bill Gates imagina e nem o que o morador pobre de uma favela imagina. (OLIVEIRA, 2008, p. 63)

Como o propósito aqui não é criar polêmicas e nem oferecer tratados sobre os esquemas sógnicos de Saussure ou de Ogden e Richards, cumprenos retomar o foco de nossa conversa e chamar a atenção para o fato de que, independentemente das críticas que recebeu, a percepção conceitual/mental do Estruturalismo saussuriano foi gradativamente ganhando muitos e muitos adeptos, que optaram por abordagens sincrônicas da língua e, óbvio, deixaram de lado os estudos históricos do significado que tiveram grande expressividade em Bréal, de acordo com o que vimos na aula passada.

Quanta informação, não é mesmo? Tudo bem, daqui a pouco partimos para a apresentação de outra corrente semântica, então, cabe que você tenha um pouco mais de paciência, ok? E aí, relaxou? Ao menos desviou um pouco atenção, sim? Pois bem, continuemos...

Vamos lá: entre os semanticistas alinhados à doutrina saussuriana destacamos o nome de Jost Trier, a quem devemos a criação da teoria do campo lexical, ou seja, um conjunto de palavras cujos significados estão relacionados e, por isso, são agrupados sob uma categoria genérica. Podemos dizer, por exemplo, que revista, jornal e livro são itens que integram um campo lexical, a partir dos componentes de sua significação: [ENTIDADE ANIMADA]; [PARA LEITURA].

Embora Trier não tenha cunhado o termo ‘campo semântico’ (a autoria costuma ser atribuída a Genter Ipsen), sabemos de sua importância na sua divulgação. A bem da verdade, o termo é mais associado a ele, em função dos estudos que desenvolveu sobre palavras do campo “intelecto” no alemão (cf. OLIVEIRA, 2008).

A par do entendimento saussuriano sobre sistema e valor, outrora comentados, Trier sustenta que o léxico de uma língua organiza-se a partir dos significados das palavras que o integram e estes são gerados conforme os significados das outras palavras com as quais mantêm relação de contiguidade (as vizinhas).

Evidentemente, esse autor também defendeu posturas um tanto quanto radicais, que foram alvo de ferrenhas críticas de outros estudiosos. Entre as muitas que recebeu, uma se volta à sua assertiva de que as esferas conceituais de uma comunidade linguística não apresentam lacunas lexicais. Se isso fosse verdade, como observa Oliveira (2008), não precisaríamos recorrer a palavras de outros idiomas, na expressão de determinados conceitos, por falta de palavras apropriadas na nossa língua materna. Como explicaríamos

a nossa constante recorrência, por exemplo, a termos da área de informática (mouse, drive, hacker, pen drive e outros) sem apelar para o fato de que ainda não temos correspondentes em português?!

Apesar da crítica (como podemos reconhecer, justa!) a essa sua postura, não podemos negar a importância que a teoria dos campos de Trier muito contribuiu para o aflorar de mais e mais estudos sobre o significado. Os seguidores dessa linha de raciocínio tomaram a análise componencial como método de trabalho, isto é, validaram o fundamento de que o significado de uma palavra é o resultado da junção de elementos significativos, os componentes semânticos. Vejamos os casos seguintes:

MULHER: [+ HUMANO] [+ FÊMEA] [+ ADULTO]

VACA: [- HUMANO] [+ANIMADO] [+ FÊMEA] [+ADULTO]

Nesses exemplos, vemos os traços (componentes) que aproximam e aqueles que distanciam, os itens mulher e vaca, não é mesmo? O componente [+ HUMANO] distingue esses itens, à medida que [+ANIMADO] está presente no primeiro.

Bem, tanto na Europa quanto nos EUA tivemos divulgadores desse trabalho com a análise componencial. Como nos lembra Oliveira (2008), Louis Hjelmslev, na Europa, que aplicou o método dos traços distintivos ao vocabulário de uma língua, foi forte influenciador dos estudos feitos por Eugenio Coseriu e Bernard Pottier. Nos EUA, coube a Leonard Bloomfield a divulgação de um método com esse tipo de análise.

Como nem tudo representa um mar de elogios, a validade da análise componencial foi colocada em xeque, considerados aqui os frequentes questionamentos sobre sua praticidade, pois há lexemas que comportam um número grande de componentes semânticos a ponto de dificultarem sua descrição/determinação. Para o assunto ficar menos enfadonho, enfatizemos uma outra teoria...

Igualmente originada à luz do esquema saussuriano, temos a ‘teoria dos campos associativos’ de Bally, por vezes confundida com a teoria dos campos semânticos tratada há pouco. Mas você poderia nos perguntar “Em que consiste essa afirmação?”, não é mesmo? Épa, estamos a postos para responder a isso. Trata-se de uma associação entre palavras a partir das ideias dos falantes sobre o mundo. Para efeito de ilustração, destacamos aqui o mesmo exemplo (pela facilidade de reconhecimento!) de campo associativo apresentado em Oliveira (2008).

Esse pesquisador salienta que nós, brasileiros, temos o hábito de associar o termo político a outros como congresso, partido, ladrão, corrupto, propina (nem precisamos dizer a razão, né?)... Observe os termos se associam semanticamente, mas não integram o mesmo campo lexical, como

acontece com os exemplos de livro, revista e jornal tratados há pouco, que compartilham componentes de significação [ENTIDADE] e [PARA LEITURA]. Podemos seguramente afirmar que, enquanto um campo lexical se configura de forma essencialmente linguística (relacionamento entre os componentes de significação), um campo associativo se apoia em fatores extralinguísticos.

Uma importante contribuição para os estudos dos campos lexicais foi dada por Eugenio Coseriu, que propôs o conceito de arquilexema, a unidade que representa “a neutralização de uma oposição de traços semânticos, i. é., deverá apresentar o conjunto de traços semânticos (semas) comuns às diversas unidades de série”. (DUBOIS et al, 1998, p.66). Logo, como apontam os autores, assento é arquilexema da série pufe, tamborete, cadeira e poltrona, etc. No fundamental, Coseriu desenvolve uma análise do significado dos lexemas a partir dos componentes semânticos, com vistas ao estabelecimento das oposições entre os termos do campo. Pelo que expomos até agora, você já deve reconhecer como uma análise componencial é útil aos lexicógrafos, sobretudo quando da elaboração de dicionários, não é mesmo? Tem razão, viu!

Se estiver um pouco saturado desse assunto, anime-se, estamos encerrando nossa conversa sobre Semântica Estrutural... antes de isso acontecer, convém dizermos que há muito fenômenos interessantes para estudo nessa área, como a sinonímia, a antonímia, hiponímia e muitos outros, mas preferimos reservar um espaço diferenciado (aula 5) para a discussão desses conceitos. Por economia de tempo (e cansaço!), passemos agora a ver um pouco das correntes semânticas advindas com a inserção do gerativismo no rol dos estudos linguísticos.

GERATIVISMO E SEMÂNTICA(S)

Do mesmo modo que precisamos revisitar, na seção anterior, alguns conceitos decorrentes estruturalistas do legado saussuriano, agora, estaremos a reportar, ainda que de forma breve, a alguns dos princípios do mentor do Gerativismo: Noam Chomsky. Isso porque, com a inserção dos estudos gerativistas, ao menos duas correntes passam a ganhar atenção especial: a Semântica Interpretativa e a Semântica Gerativa.

Pois bem, como todos aqui devem saber o referido estudioso, no afã de dar primazia para o estatuto da sintaxe, excluiu o significado dos horizontes de sua pesquisa. Mas, então (você pode nos perguntar!), em que consistem as correntes semânticas acima referidas? Daremos as devidas explicações, mas neste momento importa que falemos sobre alguns dos fundamentos da obra de Chomsky. Vamos lá!

A famosa Teoria Padrão marcou o início do movimento gerativista instituído por Chomsky. Em termos temporais, isso se deu a partir da

publicação de duas obras do autor: i) Estruturas sintáticas, em 1957; e ii) Aspectos da teoria da sintaxe, 1965. Nelas, fica clara a preferência do eminente estudioso pela sintaxe, ao tempo em que excluiu o significado do escopo de sua observação. Ora, isso fez com que muitos dos seus seguidores assim também procedessem por um bom tempo...

É mister esclarecermos, entretanto, que tal postura representou apenas uma opção de ordem metodológica e não necessariamente um repúdio ao conceito de significado. Para esse linguista norteamericano, antes de ser um conjunto de regras do bem falar e do bem escrever, a gramática de uma língua diz respeito a um conjunto de regras que regem os padrões de sentenças realizáveis numa dada língua, ou seja, algo que está internalizado em cada um de seus falantes nativos. Em outras palavras, uma gramática internalizada.

Subjacentes a essa gramática internalizada, estão os conceitos de gramaticalidade e agramaticalidade das sentenças, à medida que o falante dispõe de uma competência linguística que lhe permite decidir se uma sentença é ou não realizável (aceitável). A propósito do que entende por competência linguística, o estudioso chama de performance ao uso efetivo dessa competência — a sua realização — para fins comunicativos. Tamanha é a sua importância que alguns dos estudos linguísticos mais modernos costumam dar-lhe primazia na formulação de algumas teorias. Para Chomsky, a performance, por si só, não é suficientemente capaz de fornecer os elementos necessários a uma teoria linguística consistente.

Para exemplificar, consideremos o que chamou de recursividade, ou seja, a propriedade que uma construção tem de se expandir através de outras construções hierarquicamente inferiores que, por sua vez, permitem mais e mais construções, infinitamente. No nível da performance, talvez um falante não construa uma sentença com mais de 200 termos (devido às limitações de sua memória, por exemplo), mas a sua competência linguística lhe faculta a possibilidade de fazê-la gramaticalmente analisável. Em síntese, na sua concepção, as sentenças de uma língua não se esgotariam naquelas que já foram realizadas, mas também naquelas que são possíveis de realização. À luz desse pensamento, ele precisava de um modelo que desse conta do estudo da competência do falante/ouvinte.

E aí, já começou a refrescar a mente com as ideias chomskianas? Bem, embora reconheça a importância das questões semânticas para os estudos linguísticos, o renomado pesquisador alega uma interdependência do plano sintático em relação a estas e sustenta a tese de que o estudo do significado pode ser desenvolvido a posteriori.

O entendimento básico é o de que havia possibilidade de se

Construir modelos de descrição gramatical e aferir-lhes a adequação explicativa, levando em conta o plano semântico apenas através da competência dos falantes, de sua capacidade intuitiva de determinar,

além da gramaticalidade ou agramaticalidade das sentenças, a sua aceitabilidade e coerência. (MARQUES, 2003, p. 52)

Detalhes à parte (porque não temos o propósito de criar polêmicas!), essa postura gerativista de excluir o significado de seus estudos foi aos poucos sendo revista e cedendo lugar para um novo modo de olhar os fatos. Então, o significado passa a gozar de um certo espaço no quadro da teoria gerativo-transformacional e essa posição permitiu o surgimento da Semântica Interpretativa e da Semântica Gerativa.

Para Rector e Yunes (1980), podemos identificar ao menos três etapas da evolução da linguística gerativo-transformacional: i) a inicial, caracterizada pelas concepções de Chomsky; ii) a Semântica Interpretativa de Katz e Fodor; e iii) a Semântica Gerativa desenvolvida por Fillmore, McCauley, Lakoff, E. Bach e outros. Comentemos, pois, alguns dos princípios desses dois últimos momentos apontados pelas autoras.

Ainda de acordo com Rector e Yunes (1980), essas formas de estudo semântico estão intimamente relacionadas à sintaxe, à medida que se alinham ao entendimento da gramática gerativo-transformacional, a “teoria da linguagem na qual a sintaxe possui dois tipos de regras: as regras de estrutura frasal que especificam o modo de estruturar as árvores, e as regras transformacionais que convertem um tipo de árvore de outro tipo” (RECTOR; YUNES, 1980, p.162).

A Semântica Interpretativa surgiu com a publicação, em 1963, na revista *Language*, do artigo *Estruturas de uma teoria semântica*, de Jerrold Katz e Jerry Fodor. Para eles, a explicação da competência do falante prescinde também de regras semânticas. Grosso modo, entendem que a semântica teria função interpretativa.

Conforme salienta Marques (2003), podemos definir esse caráter da seguinte forma: ‘descrição linguística menos gramática = semântica’. Quer isso dizer que o

chamado limite inferior da teoria semântica seria a informação gramatical, contida nas regras de base, e o chamado limite superior restringiria a semântica à interpretação de sintagmas e sentenças em isolamento, fora de seus possíveis contextos linguísticos e não linguísticos. (MARQUES, 2003, p. 52)

A ideia geral é a de que competiria à semântica reconhecer e interpretar os diferenciados sentidos entre sentenças, além de explicar fenômenos como ambiguidade não-gramatical, sinonímia, antonímia, reiteiração de componentes e outros. Essa explicação, por sua vez, prescindiria de dois constituintes complementares: um dicionário e regras de projeção. O primeiro seria constituído de entradas com as respectivas apresentações das propriedades à explicação do sentido e das características dos itens. O

segundo – as regras de projeção – responderia pelas interpretações das várias sentenças com as respectivas explicações de suas características semânticas.

Ih, quanta abstração, não é? Faz parte... voltando ao assunto, Katz e Fodor, para justificarem a avaliação isolada das sentenças, afirmam que os falantes costumam lhes atribuir, em determinado contexto, umas das interpretações reconhecidas isoladamente.

Seguindo nossas anotações, reiteramos que os adeptos da Semântica Interpretativa compreendiam ser a sintaxe autônoma em relação à semântica, mas a recíproca não era verdadeira. A aceitação dessa autonomia, como enfatiza Oliveira (2008), gerou um problema interessante, em função da falta de critérios na demarcação dos escopos da sintaxe e/ou da semântica, na medida em que era difícil delimitar, por exemplo, se uma sequência não-aceitável teria anomalia sintática ou semântica.

As inquietações decorrentes dessa provocação foram muitas, a ponto de ocasionarem forte reação à Teoria Padrão. Tal movimento, encabeçado por ex-gerativistas como Geroge Lakoff, J. McCawley e John Ross, ficou conhecido como Semântica Gerativa e validava o pensamento de que a sintaxe estaria incluída na semântica.

Na realidade, esses autores mostram que “a sintaxe se tornou mais abstrata. A estrutura profunda de uma sentença foi considerada tão “profunda”, a ponto de se tornar idêntica à sua representação”. (RECTOR; YUNES, 1980, p. 164). Em outras palavras, essa visão contraria em muito o entendimento de Chomsky, para quem o componente ‘base’ de uma sentença era o sintático. Segundo essa perspectiva, o componente ‘base’ é o semântico e, sendo a estrutura profunda a própria interpretação semântica, descartava-se a recorrência a regras de projeção para sua interpretação/análise.

Para concluir essa reflexão, chamamos, mais uma vez, as vozes de Rector e Yunes (1980), quando afirmam que a “diferença entre a semântica interpretativa e a semântica gerativa está em que, num caso, a representação semântica da sentença deriva da base sintática e, no outro, a representação sintática (de superfície) deriva da base semântica”. (RECTOR; YUNES, p. 64)

Cumpre-nos dizer, ainda, que a reação de ex-gerativistas como Lakoff, McCawley e outros fez emergir uma reflexão em torno da separação entre sintaxe, semântica e pragmática, com a conseqüente discussão sobre a necessidade de incluir o uso no rol de análise dos estudos da e sobre a linguagem. O uso, como todos nós aqui sabemos, foi negligenciado dos estudos linguísticos tanto por Saussure quanto por Chomsky, que lidavam com a língua como um produto homogêneo.

Ufa! Conteúdo demais! Tudo bem, para dar mais atenção a essa problemática, continuaremos nossa conversa sobre reações ao Gerativismo na próxima aula, momento em que falaremos de mais duas correntes semânticas: a Cognitiva e a Argumentativa.

CONCLUSÃO

Se você pensou que essa aula não teria fim, enganou-se, viu! Apesar de longa e extremamente informativa, ela também é finita. Como o blá-blá-blá já foi grande, apenas reafirmamos neste espaço que, se a linguística estrutural buscava fazer uma descrição simples das noções e relações de um objeto tomado como corpus, o gerativismo invertia a ordem, já que provocava as regras linguísticas que deviam ser aplicadas na produção consciente ou inconscientemente das sentenças em uma determinada língua. (cf. RECTOR; YUNES, 1980). Eis o que se reflete nos tipos de semântica, cada uma a seu tempo e com seus desdobramentos, que estudamos há pouco. Rumo a novas abordagens!



RESUMO

Nesta aula, para tratarmos de mais três tipos de semântica – Estrutural, Interpretativa e Gerativa, revisitamos conceitos ligados a, pelo menos, dois grandes nomes dos estudos linguísticos: Ferdinand de Saussure, pai da linguística moderna e, igualmente, expoente do Estruturalismo, e Noam Chomsky, a quem devemos a inserção da perspectiva gerativa da linguagem. Então, chamamos a atenção para alguns dos princípios básicos do *Curso de Linguística Geral* (1916), que marcou a linha divisória com os estudos de caráter histórico que foram realizados sobre a linguagem no século XIX. Assim, falamos, ainda que de forma breve, nas dicotomias saussurianas: língua x fala; significante x significado; sincronia x diacronia; eixos paradigmático x sintagmático. Quando dessa retomada, realçamos o fato de que Saussure, em sua teoria do signo, validou uma definição mentalista do significado, recebendo por isso severas críticas. Entre estas, registramos a posição de Charles F. Ogden e Ivor A. Richards, para quem o mestre genebrino errou, em sua teoria do signo, por não ter incluído um terceiro elemento (o referente) no seu esquema (signo = ste + sdo). Chamamos a atenção para o fato de que, independentemente das críticas, o estruturalismo saussuriano ganhou muitos adeptos e, no que tange aos estudos semânticos, destacamos os trabalhos de Jost Trier, criador da teoria do campo lexical, de Bally, mentor da teoria dos campos associativos e E. Coseriu, que muito contribuiu com os estudos semânticos ao propor a noção de arquilexema. Na sequência, referimo-nos aos marcos do início e da consolidação do movimento gerativista trazido por Chomsky: a Teoria Padrão, com a publicação de *Estruturas sintáticas* (1957) e *Aspectos da teoria da sintaxe* (1965). Mostramos como, em ambas as obras, o significado é deixado à margem dos estudos, em detrimento de uma centralidade dada à sintaxe. Por isso, focamos, entre outros, conceitos como os de gramaticalidade x agramaticalidade e de competência x performance, dando ênfase para o

propósito gerativista: elaborar um modelo que descrevesse a competência linguística do falante/ouvinte. Depois, apontamos como a exclusão do significado pelos gerativistas foi gradativamente repensada e como nasceram dois novos movimentos, a Semântica Interpretativa (com o empenho de Katz e Fodor) e a Semântica Gerativa (com a reação de Lakoff, McCawley e Ross). Logo, apresentamos a distinção entre uma e outra, assim resumida: a primeira entende que a representação semântica da sentença é derivada da base sintática; a segunda considera que a representação sintática tem origem na base semântica.

ATIVIDADES

Agora que você já leu o conteúdo da aula, que tal responder aos seguintes questionamentos? Vamos lá!

1. Por que costumamos dizer que o conceito de significado de Saussure é de natureza mentalista?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Que pergunta, professora? rs. Isso mesmo, algo com esse nível de simplicidade... Em sendo mentalista, a resposta parece ser imediata, não é? A postura do mestre de Genebra é assim nomeada porque calcada numa base conceitual que explora o plano das ideias, do conteúdo mental, na estreita relação que mantém com a imagem acústica (significante), haja vista o entendimento do signo como a união de um significante com o significado.

2. Conforme apresentamos ao longo de nossa aula, Trier, semanticista estruturalista, defende que “as palavras cobrem as esferas sociais de uma comunidade linguística sem deixar lacunas lexicais” e esse seu posicionamento tem recebido críticas diversas dos estudiosos em semântica. Fale sucintamente sobre essas críticas, apresentando exemplos claros de que a assertiva trieriana está equivocada.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Bom, toda hora estamos pedindo termos emprestados de outras línguas, não é mesmo? Se não estiver certo disso, basta lembrar o fato de que ainda (de repente, vai que um dia isso acontece!) não encontramos termos equivalentes para formas como 'mouse', 'pen drive' e tantas outras da área de informática. Isso significa dizer que dispomos de lacunas lexicais que nos obrigam a recorrer a termos de línguas distintas. Eis a forma mais simples de resolver esse questionamento.

3. De modo conciso, explicita em que medida a Semântica Interpretativa e Semântica Gerativa são considerados movimentos de reação aos princípios gerativistas arrolados por Chomsky.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Ora, como reiteramos há pouco, os princípios gerativistas de Chomsky centraram sua atenção no estatuto da sintaxe, ao tempo que excluíram o estudo do significado. Esperamos que você chame a atenção para o modo como esse fundamento foi revisto e como isso acarretou essas novas correntes (Interpretativa e Gerativa), que deram vez à observação do componente semântico nas suas pesquisas. Se quiser deixar essa resposta ainda mais clara, é previsível que estabeleça a relação entre um e outra formas de estudar o significado.

DE CUCA FRESCA

Para deixar sua mente ainda mais afiada com o Gerativismo, convém lembrarmos que tal perspectiva foi assim chamada porque entendia que o falante tem à sua disposição um número finito de regras e com estas pode gerar um número infinito de sentenças (você ainda se lembrava disso?!).

Uma outra questão importante que vale a pena aludirmos diz respeito à importância que os estudos realizados por Chomsky deram às teorias sobre aquisição da linguagem. Pois bem, contrariando muito do que se dizia na época (como os estudos behavioristas, que entendiam ser a aquisição da linguagem algo marcado pela repetição, numa relação estímulo-resposta), Chomsky defendeu a ideia de que o homem tem em sua formação genética

uma faculdade da linguagem, que o diferencia dos outros seres. Em sendo uma faculdade, a linguagem possui módulos diferenciados para os vários tipos de informação linguística.

Podemos dizer, ainda, que, para esse estudioso, a faculdade da linguagem é composta por princípios (leis gerais válidas para todas as línguas naturais, a exemplo dos constituintes imediatos da oração = sujeito + predicado) e parâmetros (propriedade que uma língua pode ou não exibir e são responsáveis pela diferença entre línguas, a exemplo da possibilidade do sujeito nulo — Chove! — em português e da presença obrigatória do sujeito em inglês — It rains).

Assim, a aquisição da linguagem vista no âmbito da teoria gerativista está intimamente relacionada ao inatismo. Tal inatismo pressupõe a aprendizagem de uma língua. Temos, pois, uma gramática universal, que é o estágio de um falante que está adquirindo uma língua. Ora, à medida que os parâmetros vão sendo fixados, constituem-se as várias gramáticas das línguas naturais. Uma criança, por exemplo, marca gradativamente as sentenças possíveis de realização na língua a que está exposta e, dessa forma, acomoda tais possibilidades a um sistema de dados. Se estiver exposta ao inglês, assimilará os parâmetros que norteiam a gramática da língua inglesa, se estiver diante do português, certamente assimilará os parâmetros pertinentes à língua portuguesa e assim por diante.

O viés gerativista da aquisição da linguagem consiste, portanto, numa filtragem do input através da Gramática Universal, posto que essa filtragem formata uma dada língua através da marcação de um dado parâmetro.

PRÓXIMA AULA

A próxima aula ainda voltará sua atenção para correntes semânticas. Terão destaque, como dissemos, a Semântica Cognitiva e a Semântica Argumentativa.



AUTOAVALIAÇÃO

Oi! Chegou a hora de você pensar na compreensão que teve da aula, ok? Bom, avaliando o conteúdo lido, que nota você daria para o seu entendimento sobre o assunto tratado:



0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Independentemente do resultado alcançado, sugerimos que você interaja mais com os colegas e, claro, com o tutor da disciplina. Que tal um fórum de discussões sobre esse assunto na plataforma online? Pense nisso! Abraços!

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CARVALHO, CASTELAR. **Para compreender Saussure**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1983.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- ECO, Umberto. Interpretação e história. In: **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. P. 27 - 51
- MARQUES, Maria Helena Duarte Marques. **Iniciação à semântica**. 6 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 20008.
- ORLANDI, Eni. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos; 184)
- RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. Manual de semântica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1980.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24^a ed. São Paulo: Cultrix, 1999.